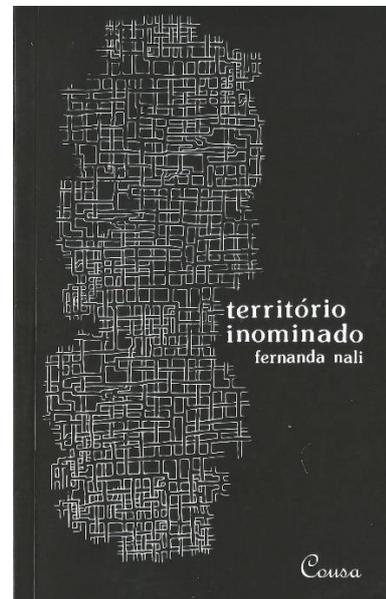


NALI, Fernanda. *Território inominado*. Vitória: Cousa, 2018.

Sarah Vervloet Soares*



Fernanda Nali de Aquino é de Vitória, Espírito Santo. *Território inominado* foi aprovado no Edital Secult/Funcultura n. 007/2017: Seleção e incentivo à produção e difusão de obras literárias inéditas de autores residentes no Espírito Santo. Atualmente, cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), além de atuar como produtora cultural.

* Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

Romance de estreia de Fernanda Nali, *Território inominado* (2018) é uma busca por nomes e caminhos que não cessam as nossas dúvidas. É mais do que uma busca, é um abandonar(-se) também das palavras mais precisas porque o percurso, muitas vezes, exige silêncio. Territorializar parece contornar o incontornável, como se dando à palavra o que lhe é de direito – nomear – tudo se findasse. Traçar as fronteiras é, ainda, saber e tomar distância.

As 92 páginas e seus 22 capítulos labirínticos (como a capa desta primeira edição, cuja ilustração indica um labirinto com várias entradas e saídas) elaboram rastros de experiências que, por vezes, são direcionados, mas nem sempre sabemos para onde: se para o passado, o presente ou o futuro, ou para nós mesmos, apenas. É um percurso pouco solitário porque a narrativa convoca aos rearranjos pessoais, permite respirar e, ainda, a pensar junto, afinal, a voz anônima é multiforme – sou eu também que estou nas linhas de Nali, dizendo “construo uma narrativa cuja dinâmica do som pode ser sentida em lógica própria” (NALI, 2018, p. 16) ou “Há coisas que não parecem estar acontecendo com você” (p. 20). Realmente, há coisas que acontecem no susto do momento e resignificar isso é processo lento e danoso. Diz respeito a um núcleo profundo que segue sem rumo, e por isso a leitura é tão valiosa.

Essa escrita poética se perfaz na obra alinhavada à metalinguagem, quase para se estrear uma vida nova, em corpo novo de memórias e marcas, letras e páginas, e rompe com certezas anteriores. É como uma nova descoberta, que pode partir da vontade própria de escrever, sendo a escrita sobre si – sobre ela, sobre escrever e se escrever – um recurso sempre importante para elaborar, guiar, convergir. Corpo que se escreve pedra, corpo de mulher que pulsa, a literatura pode até se reinventar porque é uma preparação, como diz Barthes a respeito do romance, é uma preparação para a vida.

Mas o que não se nomeia? A dor de ouvir a voz amada distante, o retorno ao quintal de família, a pausa na vida acadêmica e confusa, o cair do cavalo ou da locomotiva, os afetos guardados em cada encontro, uma colônia marcada de

sangue, os trinta anos de histórias inaudíveis. Dar nome é tingir, inscrever, circundar, talhar, cingir, tatuar, envolver. Aquilo que nos escapa para se fazer tecido, ouro, madeira, pele, papel, linho, mármore. A narradora de *Território inominado* desarvora e resiste “aos rumos em ramos” e “a um corpo que se escreve: da melodia à medula, o hábito censura a óbvia ossatura” (p. 37). Assim, faz poesia na prosa porque nos guia em tons e entretons, nas teclas do piano que se espalham pelas conexões, a linguagem ritmada como partitura, ou tantas vezes somos nós que, lendo, estamos sentadas na plateia do concerto que já vai terminar, mas ainda há tempo para um olhar detalhista sobre o corpo que toca – ou que se quer tocar. Eis a linguagem que pergunta: “Som e texto. Como converter um no outro?” (p. 55). Existe harmonia na mágoa ou na imaginação?

Escrever exige imergir num rio de experiências e, do seu fundo, entender um pouco mais do mundo. Esse mundo, por sua vez, é próprio, é singular. Colocá-lo no papel é o que se faz de toda atividade da escrita: criar o próprio mundo em palavras. Escrever literatura tem a ver, portanto, com liberdade, e tem a ver com o que é permitido ao homem: “Soltar a vida. / Fuzilar a Bomba. / Reinventar a ode”, como disse Murilo Mendes. O rio desse território sem nome deságua na infância e nas recordações de mãe, pai, avós, bisavós, e na consciência de destruições de uma história em maiúsculo. Tal como no tempo da melodia, o tempo da infância nos reelabora. E é alternando entre heranças e ternuras, lapsos e desejos, que o livro vai se perfazendo.

Assim como diz André Gide, “Eu sou mil possíveis em mim; mas não posso me resignar a querer apenas um deles”, a narradora não foge de si: faz juízos e testemunhos, na persistência de cravar uma memória tantas vezes esquecida, que é justamente um território que invade e traduz: “Vivemos as coisas e as palavras, ou as próprias palavras vão tornando as coisas em coisas. As próprias palavras, aventureiras, vão tornando as coisas nomeáveis em coisas outra vez” (p. 88). Olhar e ver familiarmente o que se aniquila e se deixa para trás por comodidade. O que foi varrido para debaixo das franjas de nossas belas tardes de primavera – ou tardes estranhas de qualquer estação. O que foi devastado e

transformou as vivências ensolaradas. Retornar aos possíveis de si mesmo também significa conviver com as sombras que nos criaram, portanto. A trajetória pode ser mero rabisco e, quando se (se) percebe, há muito mais a se ler e a se escrever entre os escombros.

Território inominado é onde o rascunho arranha a página e lembra cicatrizes no corpo, sem retorno, e convida Clarice, Guimarães, Mário, Woolf, Pessoa, Adélia. E, ainda com música e literatura, história e geografia, a letra que se escreve engendra um projeto-além porque cuida miúdo dos seus cantos, apara as arestas e apresenta um texto generoso e sofisticado. É um onde que embala, torna mulher, recria eus, vocês e nós. É um onde em que outros vivem, sem saber. É onde se “procura ver o mundo”, um “entre-lugar” onde “cada um eram vários, o desafio de transgredir” (p. 70). Fernanda Nali experimenta a linguagem nas vias do poético e do sensível, uma escritora de palavrafeto. Uma escritora que transcende aos encontros da própria sorte, reescreve suas andanças de dentro e de fora.

E porque escrever é procurar um lugar, uma pessoa, um sentir, então a leitura se justifica de ponta a ponta – vale ler e reler, inclusive, pois é assim que se escuta mais de perto o som das teclas e das palavras que Nali manifesta. É a voz feminina que transpassa sem medo e revela a potência da subjetividade múltipla e fragmentada. Esse sujeito cuja fenda não se fecha nem se finda, vê-se no romance que se conduz para, cada vez mais, compreender-se nessas transformações. Assim, abrem-se caminhos para encarnar a própria trajetória, essa que vem de um sujeito dizendo: isso não é o que eu sou, mas o que estou sendo. Vale muito, portanto, percorrer esse território de palavras e não-palavras, lendo e sendo.

Recebida em: 31 de julho de 2019.
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.